

## EDITORIAL

O ano de 2020 foi um ano atípico. Com a pandemia do Covid-19 tornou-se necessária a tomada de uma série de medidas a fim de minimizar o efeito da ação do vírus em todo o mundo. No Brasil não foi diferente. As ações tomadas frearam a aceleração da doença, embora, pouco a pouco e com limitadas reflexões, a vida conduziu-se a uma normalização ou, pelo menos, a um sentido de normalização. Sem o fim da pandemia, muitas ações tornaram-se, infelizmente, corriqueiras, como a não utilização da máscara, a aglomeração em festas, a participação em comícios políticos, dentre outros. “Tudo” tem seu preço e agora estamos pagando pela “irresponsabilidade” de muitos e, uma nova onda cresce assustadoramente, já ultrapassando em ápice da primeira. Recordes e recordes de mortes vão se acumulando e a morte torna-se comum, natural, especialmente se não for de alguém que faça parte do contexto em que vivemos.

A vacina, que deveria atenuar essa situação, segue lentamente sendo aplicada na população. Ela é acompanhada de uma procissão de mortes que foram potencializadas ou por irresponsabilidade ou por falta de ações corajosas para enfrentar, para além da pandemia, o poder econômico que quer ver o país funcionar a custo de tudo, inclusive de vidas. A vida parece ser, aliás, coisa de pouco valor no mundo em que o dinheiro é o mobilizador dos caminhos. Triste sina.

É nesse contexto que se põe em tela que a Revista REDFOCO publica os artigos do seu sétimo ano. Também sofremos o peso da pandemia e ainda sentimos na pele os seus efeitos. Esse um é dos motivos que nos levou a atrasar a publicação desse volume, algo que não era esperado por ninguém. Ratifica-se, dessa forma, o que é bem destacado por Morin – não vivemos uma linearidade. É o inesperado que nos obriga a escolher nossos caminhos e a construir novas estratégias existenciais. Esse sétimo volume da Revista carrega muito dessa realidade. Obrigou-se a seguir e construir possibilidades, apesar das dificuldades que emergiram da inesperada realidade. O que não podemos é parar. Continuar a respirar é fundamental para nos mantermos vivos.

O que segue de reflexões nesse exemplar são os sopros de vida e que nos encorajam a seguir em frente. Esperamos que as discussões e reflexões aqui presentes sirvam para pensar a educação física, a educação, a realidade e vida e, quem sabe, consigamos ajudar a nós mesmos e aos outros a sermos melhores pessoas no mundo e, ao mesmo tempo, a construir esse mundo tão carente de princípios.



Helder Cavalcante Câmara